



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

### **TRADIÇÃO E MODERNIDADE NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE VELAME: QUESTÕES HISTÓRICO-ESPACIAIS DE UMA ABORDAGEM DE GÊNERO**

Maristela Alves da Silva\*  
(UESB)

#### **RESUMO**

Este *paper* apresenta de forma sucinta dados sobre a Comunidade Quilombola de Velame, apresentando aspectos formais (históricos e geográficos) sobre aquela Comunidade. Para isso, recorre-se à história oral comunidade a partir do relato coligido de seus moradores mais velhos. Na descrição social, histórica e geográfica, são incluídas informações sobre as mulheres quilombolas, destacando seu papel e sua contribuição para a consolidação dos valores da comunidade. Do ponto de vista teórico, são discutidas questões ligadas à diferenciação dos agentes sociais em relação ao gênero, considerando-se tal critério como uma construção social a despeito de alegações biológicas. Por se tratar de uma pesquisa em curso, as considerações feitas sobre o tema, ainda, estão em construção.

#### **INTRODUÇÃO**

#### **A HISTÓRIA DA COMUNIDADE**

O presente estudo é um recorte de um projeto de pesquisa que procura analisar o espaço legítimo da mulher negra quilombola oriunda do Quilombo de Velame (Vitória da Conquista - BA).

---

\*Licenciada em História (UESB); Professora da Rede Municipal de Ensino; Pós-Graduanda em Especialização em Fundamentos Sociais da Educação (UESB).



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

A Fazenda Velame está localizada a 50 km de Vitória da Conquista, entre duas outras comunidades Quilombolas, Lagoa de Melquíades e Baixa da Porteira.

A Comunidade é constituída por 21 famílias (num total de 126 pessoas) que vive basicamente da agricultura de subsistência, tendo como principal atividade econômica a cultura da mandioca e seu conseqüente beneficiamento, além do cultivo de milho e urucum.

A área de 21 hectares de terra possui energia elétrica, dois poços comunitários (conhecidas cisternas), uma escola de educação Básica, uma igreja católica e, recentemente, com a implantação da associação de produtores rurais, recebeu maquinário para a construção da fábrica de farinha comunitária - uma esperança de dias melhores para todos os moradores do Velame.

Terra habitada por um povo alegre, lutador e hospitaleiro que guarda marcas de suas raízes e que sabe honrar o sacrifício feito pelo seu desbravador: Benedito Fortunato França. Seu Benedito, fundador e descendente direto de remanescente de Quilombo, veio de outras terras à procura de lugar para fixar, e naquele rincão encontrou porto seguro, um lugar propício para plantar, cultivar e desenvolver suas habilidades de agricultor.

O Velame (nome originário de uma espécie de planta comum na região) é um lugar que guarda muitas histórias e crendices. Outrora foi uma terra de grandes dificuldades, secas intensas e escassez de trabalho que, na maioria das vezes, levava seus moradores a saírem de suas terras à procura de melhores condições de vida em capitais como São Paulo e Salvador como constam nos relatos dos moradores.

Assim como os homens, as crianças e as mulheres trabalhavam na roça, capinando, limpando a terra, plantando, molhando e pegando lenha. As mulheres ainda cuidam do marido, dos filhos e da casa, onde cozinham, lavam, costumam e arrumam. São tão fortes e guerreiras que, muitas vezes, se tornam suas próprias



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

parteiras, parindo até mesmo na roça, sem a ajuda de outras pessoas. Além disso, conhecem os segredos das plantas para curar mazelas e doenças das crianças, prática comum na região como forma suplementar à assistência médico-hospitalar.

As reformas educacionais pregadas ao longo da história a favor do negro aconteceram de forma lenta e difícil no Velame. Há uns cinquenta anos o acesso à escola era quase impossível. Não havia escola nos Distritos próximos à comunidade, por outro lado, os pais não permitiam que seus filhos estudassem, pois precisavam deles para trabalharem na roça.

No caso das meninas, a situação ainda era mais difícil, visto que a estas só cabia aprender os serviços domésticos e os trabalhos da lavoura de subsistência. Não podiam aprender a escrever para não fazerem cartas para os supostos namorados. É o que afirma a informante Dalvaci Maria da Silva para quem a escola não só representa um avanço na cultura formal, mas uma ampliação do espaço legítimo de atuação feminina em Velame.

Com o passar do tempo, as mudanças chegaram, e com elas a escola. As crianças em idade escolar são atendidas por uma escola municipal de ensino básico, que funciona no próprio Velame, no turno da tarde. A partir da 5ª até a 8ª séries do ensino fundamental a Prefeitura disponibiliza transporte que conduz os alunos à escola localizada no Distrito de Veredinha. No Ensino Médio, os alunos se deslocam para o Distrito de Inhobim ou para Vitória da Conquista.

Hoje, entre a comunidade adulta, começa a surgir o desejo de escolarização: jovens entre 20 a 35 anos voltam às salas de aula. O caminho entre a escola e a comunidade é árduo, não apenas metaforicamente, já que parte dele é feito a pé e a outra parte conta com a colaboração de transporte escolar gratuito para o Distrito de Veredinha.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

Já constam, na história do Velame, alguns moradores cursando o ensino Fundamental (5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup>) e uma moradora com o Ensino Médio Completo, fazendo cursinho Pré-Vestibular. No entanto, ainda é assustador o número do analfabetismo entre os adultos.

Mesmo com todas as dificuldades que os moradores do Velame enfrentaram ao longo da vida, nota-se que muitos na comunidade apenas trabalharam para sobrevivência. No entanto, apesar dos dissabores da vida, as tradições e costumes ainda se mantêm vivos.

A Festa dos Santos Reis, após o Natal até o dia 6 de janeiro de cada ano, leva pelas ruas da comunidade homens trajados com roupas festivas, cantando, ao som de diversos instrumentos como tambores, flautas e triângulos, a visita feita pelo Santos Reis Magos ao Menino Deus. Ao longo da passagem do “Santos Reis” são ofertadas comidas, bebidas e possivelmente algum dinheiro aos cantores e seus acompanhantes.

Outra tradição muito vivenciada pela maioria dos moradores da comunidade é um banquete comunal ao ar livre, para o qual todos moradores são convidados. Todos fazem suas doações para a compra da comida, se reúnem embaixo de uma árvore, fazem comida à vontade e a colocam sobre uma mesa grande. Todos vêm para a festa no período da manhã; mas a festa estende-se até à tarde, havendo danças, comidas e diversões. Segundo relato de alguns moradores, a tradição do banquete comunal vem acabando, pois os jovens atuais não são tão disponíveis como os de antigamente.

No âmbito das relações amorosas, o casamento, tanto no civil quanto no religioso, é uma prática constante entre os moradores de Velame, que se casam, em sua maioria, com parentes de 1<sup>o</sup> grau, constituindo famílias grandes que variam entre 7 a 13 membros. Segundo o informante José Ferreira Santos Júnior, dessa união com parentesco nasceram muitos filhos com problemas congênitos do tipo “paralisia,



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

anemia, albinismo, gagueira, distúrbios mentais” nos termos enunciados pelo próprio informante. Não foi difícil constatar o que o informante declarou-nos, pois *in loco* observamos alguns desses problemas ao andarmos pelas ruas da comunidade.

A história do Velame, assim como de outras comunidades quilombolas, foi transmitida oralmente, constando apenas poucos relatos escritos. A tradição oral, de origem africana, não se limita às narrativas lendárias de antepassados, mas está ligada ao comportamento cotidiano das pessoas da comunidade.

Por outro lado, os meios de comunicação estão influenciando as novas gerações, isto porque a maioria dos moradores da comunidade tem acesso a televisão, a rádio e a DVD. Apesar de se falar em uma história contada, percebe-se através das conversas informais, das entrevistas e do convívio com a comunidade que a maioria não se interessa, nem conhece a história do Velame, principalmente as mulheres mais jovens.

Hoje, após a *Certidão de Auto-Reconhecimento* pela Fundação Cultural Palmares, a comunidade vem passando por um processo de mudança. O Velame, que produzia basicamente para a subsistência, passa também a produzir para “entregar à compra direta” (método utilizado pelos moradores para venderem seus produtos). O povo começa a sonhar e a ter nova perspectiva de vida, principalmente com o advento da casa de farinha.

Nesse contexto, pode-se ver o papel da mulher quilombola que em si representa os conflitos entre a tradição e a inovação na Comunidade. O espaço que a mulher ocupa na sociedade de Velame é uma extensão da própria vida familiar ou reflexo da extensão desse espaço. Além disso, é importante salientar o conjunto de valores que guiam o desejo e as aspirações, considerando que esses estão, da mesma forma, condicionados aos valores do grupo, fazendo com que a mulher quilombola



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

limite seu espaço ou seus espaços aos ditames comportamentais do conceito de “bem” de seu grupo.

### **ABORDAGEM BIOLÓGICA SOBRE O COMPORTAMENTO LINGÜÍSTICO DA MULHER.**

Diferenças lingüísticas entre homens e mulheres são apontadas em diversos estudos sociológicos, etnológicos e sociolingüísticos. Desde os primeiros estudos da Sociolingüística, por exemplo,<sup>327</sup> envolvendo de forma sistemática a variável *sexo*, como os de Wolfram (1969) em Detroit, parece ser comum entre os lingüistas a opinião de que as mulheres tendam a usar a norma mais prestigiada e, conseqüentemente, evitam empregar construções pouco valorizadas pela comunidade em que se inserem.

Se os estudos apontam para as diferenças entre os sexos em relação a usos lingüísticos mais prestigiados e menos prestigiados, as hipóteses que procuram explicar as preferências lingüísticas ligadas ao sexo encontram-se no meio de controvérsias. Duas hipóteses têm dividido a discussão que pretende explicar as origens das diferenças entre a fala de homens e mulheres de uma mesma comunidade lingüística. Uma delas está baseada fortemente em questões biológicas e psicológicas, ambas fundamentadas não só em questões fisiológicas, mas em testes de laboratório e em textos de aptidão intelectual. Chambers, citando estudos realizados por Maccoby e Jacklin em 1974, por Deno em 1982 e por Halpern em 1986, afirma que ao longo dos anos as mulheres têm demonstrado larga vantagem em testes de aptidão lingüística que envolvam desde a soletração até a compreensão de textos (CHAMBERS, 1997, p.

---

327Wolfram (1969), por exemplo, ao estudar 48 amostras de falantes negros de Detroit (USA) constatou que as mulheres das quatro classes sociais estudadas tendem a ser mais sensíveis à avaliação lingüística do que os homens. Posteriormente, Wolfram e Fasold (1974) constatam que as mulheres mostram ter mais consciência da norma de prestígio do que os homens.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

132). Além disso, ainda citando Chambers, estudos realizados por Taylor e Ounsted (1972) e Kimura (1983) comprovaram, respectivamente, que os homens tendem a sofrer mais de dislexia e afasia. A visão de que a mulher biologicamente tende propensão às atividades que envolvam o domínio da linguagem é considerada por alguns estudiosos como sexista e associam o comportamento que se espera das meninas a uma forma de afastá-las de atividades mais prestigiadas na sociedade e mantê-las sob o jugo das regras sociais estabelecidas, já que elas se mostram tendentes a aceitá-las.

### **ABORDAGEM SOCIAL SOBRE O COMPORTAMENTO LINGÜÍSTICA DA MULHER**

À parte as diferenças biológicas observadas entre homens e mulheres, devemos considerar os papéis sociais exercidos por ambos os sexos nas sociedades em que vivem. Estudos sociolingüísticos que incluem amostras formadas por falantes do sexo masculino e do sexo feminino costumam apontar as mulheres como utentes de formas mais prestigiadas e menos tendentes ao uso de formas não-padrão do que os homens de sua classe e idade<sup>328</sup>, não como uma forma biologicamente determinada, mas como socialmente imposta. Para esses estudiosos, devemos rejeitar a denominação sexo, realidade biologicamente determinadas, e assumirmos a denominação gênero, realidade socio-culturalmente imposta.

Ao investigarmos as relações de contato nas comunidades lingüísticas precisamos destacar que homens e mulheres, em relação ao contato social, sofrem

---

328Essa tendência não seria recente, já que Cícero, no século I a.C., faz referência a uma situação semelhante. Cícero, orador latino, escreve por volta do ano 55 antes de Cristo que se poderia notar na fala de mulheres idosas de seu tempo traços lingüísticos próprios dos escritores arcaicos como Plauto e Nêvio. Essa forma de falar, considerada genuinamente latina e representativa dos altos valores romanos, diferia da fala de homens que, em seu tempo, usavam termos rústicos e termos estrangeiros que vinham a contaminar a essência da língua latina urbana.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

pressões diferenciadas. As mulheres tendem a ter espaços legítimos de atuação e nesses espaços o convívio com pessoas fora do círculo de relações pode ser interpretado como uma violação da legitimidade. Dessa forma, a mulher tende a ter uma rede de relações mais limitada e, portanto, expõe-se menos ao processo de aquisição de padrões oriundos de outros grupos.

Os espaços legítimos da presença feminina são mais restritos do que os espaços masculinos se observarmos diretamente uma comunidade quilombola. As mulheres circulam menos pelos diversos grupos e costumam desenvolver atividades que, de certo modo, constituem extensão das atividades do lar. Embora tal situação tenda a se modificar, há resquícios ainda de uma cultura em que o espaço legítimo da presença e da circulação femininas circunscreve-se ao lar, à igreja e à escola. As mulheres mais velhas, por nós entrevistadas, mostram-se nesse perfil de legitimação de espaço, excluindo-se no caso delas a presença à escola, já que não possuíam esse privilégio e hoje o rejeitam por se acharem ineptas. Por outro lado, reconhecemos na fala das mulheres mais novas uma tentativa de ampliação dos limites de circulação, já que as atitudes atávicas ligadas ao casamento como forma de organização social passam a receber acréscimos, incluindo nisso uma vida laboral fora da agricultura de subsistência, atingindo o desejo de assumir profissões liberais ou que lhes dêem mais liberdade de ir e vir.

Notadamente, os papéis sociais representados por homens e mulheres possuem reflexos sobre as atitudes e os usos lingüísticos das mulheres quilombolas. A despeito de considerações sobre as diferenças biológicas entre homens e mulheres do ponto de vista da maturação da linguagem, tendemos a ver os comportamentos como diferenciados não só no uso do vocabulário, mas também nas construções lingüísticas bem como na escolha dos temas de conversação. Toda e qualquer análise que venha a se pautar no estudo das diferenças sexuais ou de gênero deve perpassar pela análise





ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

da situação de homens e mulheres no cenário em que a linguagem se realiza não só como meio de expressão, mas também como forma de delimitação de espaços e atos sociais. Lucchesi (1998) afirma que o papel social da mulher é determinado pelo entorno social em que ela se insere. Para o autor, o papel da mulher só pode ser considerado dentro das realidades socioculturais, considerando-se os casos particulares de mudança. Ao que o renomado autor diz, acrescentamos que as atitudes lingüísticas das mulheres, incluindo-se aqui os temas da conversação, constituem elementos balizadores indicativos de extensão ou ampliação dos espaços legítimos da presença feminina no entorno da comunidade quilombola e fora dele.

### CONCLUSÕES

Nesse contexto, é que se procura com base em depoimentos e entrevistas feitos in loco estudar o comportamento feminino de Velame e demonstrar como tal comportamento vem se aproximando dos valores urbanos preconizados pelos novos tempos e por valores adventícios vindo da educação formal e do contato com outros grupos sociais.

### REFERÊNCIAS

AEBISCHER, V. ; FOREL, C. (Org.). **Falas masculinas, falas feminas?** Sexo e linguagem. Trad. Celene M. Cruz, Clémence Marie Jouet-Pastré, Maria Helena L.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

- Gimeno, Milton Tarcisio M. de Arruda e Neide Maria Duroes Sette. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- CHAMBERS, J.K. **Sociolinguistic theory**. 3.reimpressão. Oxford: Blackwell, 1997 [1995].
- CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. **Dialectology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- COULTHARD, Malcolm. **Linguagem e sexo**. Tradução de Carmen Rosa Caldas-Coulthard. São Paulo: Ática, 1991.
- LUCCHESI, Dante. **A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira**: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.
- SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte. **Iniciación a la Sociolingüística**. Versión de José Rubio Sáez. Madrid: Gredos, 1977 [1958].
- SILVA, Jorge Augusto Alves da Silva. **A concordância verbal no português afro-brasileiro**: um estudo sociolingüístico de três comunidades rurais do estado da Bahia. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras. Brasília: Universidade Federal da Bahia, 2003. 254p.
- RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M (Org). **Sociolingüística interacional**. Porto Alegre: AGE, 1998.
- WARDHAUGH, Ronald. **An introduction to Sociolinguistics**. 3ª ed. Oxford: Blackwell, 1998 [1968].